

## **O Império desencantado em As Naus de António Lobo Antunes e Tetralogia Lusitana de Almeida Faria**

“Tantos perigos passados, tantos duros trabalhos, no mar tanta tormenta e tantos anos, tantas fezes e mijo diluído, na terra tanto berro e tanto esgano, tanta ruim idade poluída, onde pode acolher-se um pobre humano, onde verá lonjura a curta vista? Isto de mim para mim interrogava o que em mim sentia, em mim pensava, mas nenhuma resposta me chegava de dentro ou fora, igual.” (Lusitânia, p.170).

“Da Gama (Vasco) a great inconvenient. Outros Bascos e Vascos ao sul dos Pirinéus. Uns levaram o país às Índias, outros de lá nos trouxeram. No fundo nenhum deles agiu.” (Lusitânia, p.174)”

“Há dias, na minha procura de um apartamento para mim, coisa agora mais difícil de encontrar que outrora o caminho marítimo para a Índia...” (Cavaleiro Andante, p.127).

“Não havia sequer hipóteses de namorar, dada a drástica segregação sexual: meninas de manhã, rapazes à tarde, nada de promiscuidades. Como protesto contra semelhante apartheid, recorri às necessárias medidas para faltar o mais possível. Os repetentes deram-me o endereço de um esculápio que, filantrópico e a troco de verbas simbólicas, se especializara em falsos atestados de enfermidades várias. Era um indiano calado, bondoso, formado em Goa, fugido daí para Moçambique e enfim desaguado na «Metrópole». Graças aos seus certificados, dediquei às artes de abordagem a maior parte das tardes semanais.” (O Conquistador, p.61).

“Milagre da tarde, convenci-a a semidespir-se e a mergulharmos juntos neste Atlântico que sempre me foi aliado. Até àquela data muitos dos meus namoros principiaram perto do mar. Não é para admirar que jogando praticamente em casa e dominando o meu terreno, me fosse assim mais fácil o mais difícil: meter conversa (...) A natação enquanto técnica amadora...” (O Conquistador, p.64).

“São o que nos resta das descobertas e viagens, do apregoado império e seus naufrágios, dos sublimes sucessos, dos desastres em má hora anunciados por um velho de venerando aspecto, que ficara entre as gentes no cais, postos em nós os olhos, meneando três vezes a cabeça, descontente, a voz pesada um pouco Levantando, que nós no rio ouvimos claramente.” (Lusitânia, p.30)

“protectora embora pouco eficaz sombrado Cristo-Rei abrindo os braços do alto do pedestal no gesto resignado de não poder fazer mais nada pela amada pátria”. (Lusitânia, pp. 30-31).

“É a terceira vez que hoje adormeço, parece número mágico como os três árabes, as três vezes que o velho abanou a cabeça à beira-Tejo.” (Lusitânia, p.32).

“Um, talvez Moisés, de fraca fala, com um saber só de experiência feito, tais palavras tirou do estreito peito, que me deu vontade de fugir para não ouvir o que dizia.” (Lusitânia, p.59).

“assim era Tiago, esse pequeno triste, para a mãe o mais belo dos rapazes (...) talvez nos grandes olhos, talvez na testa alta (...) sob o firme nariz, as orelhas largas, uns cabelos compridos e sedosos, (...) era um pequeno deus na sua blusa branca, com um friso de renda pelos ombros, era um velo dourado, a cabeleira loura, de pescoço cingido como um príncipe russo (A Paixão, p76)

“és louro, entroncado, de olhos claros, curto o nariz, redonda a cara, a boca de carnudos lábios, o de baixo descaído como o de Catarina” (O Conquistador, p.20).

“Quando agora fecho os olhos, no deserto deste ascético fevereiro, regressam com violenta nitidez as lutas de dois gangs rivais que mutuamente tentam liquidar-se. Num dos bandos abunda gente de turbante, que pelos vistos me considera seu inimigo, não sei porquê, nem conheço os meus inesperados aliados. Por palpites distingo quem é quem, sob o sol e a poeira que não me deixam ver e me fazem vacilar de tonturas e vômitos. (...) Convencido de que uma ordem obscura se oculta sob o caos nocturno, escapam-me as razões destes pavores: a carne queimada, o cheiro a pó e a pólvora, o fumo escuro ardendo nos meus olhos, o pânico da dor, um tipo de cara repugnante, coberta por pústulas e úlceras que lhe dão o aspecto de um lobo com febre. A recorrência deste sonho tornou-se para mim mais inquietante ao encontrar, anos mais tarde, um marroquino que eu juraria ter conhecido e que sofria de lupus eritematosus, moléstia que tanto aparece na pele como pode concentrar-se num órgão, e este, como uma bomba, explode. (O Conquistador, p.35-36).

“fabricava as figuras cheio de pressa, para que durassem o tempo duma chuva miúda, que as desfazia em breve; por fim, o cavalo também, com o seu cavaleiro, foi tragado pela chuva e pelo tempo, desbotadas as cores, os seus olhos azuis sem nada dentro, o corpo mole e muito pegajoso, como as lesmas que, quase imóveis, surdiam sós da terra, das moitas de giestas, das ervas e das pedras, com um rasto de ranho e de bolor atrás, passando sobre os musgos e palhas orvalhadas; e um dia lá ficaram, cavalo e cavaleiro, um ao lado do outro, derretidos, deitados, rodeados da corte de cães latindo à caça, de dianas despidas e sem anatomia, de delfos e de deuses sem nome nem passado; (A Paixão, pp. 74-75) .

“e se fôssemos antes à Suécia? talvez esteja lá o imperador Johannes de Portugal, exilado em Askedal, aguardando a hora de regressar com a filha Clara-Bela ao seu país natal, país caído em desgraça desde que o imperador partiu à frente da fraca armada para os desertos da África e um vendaval dispersou todos os barcos pelos sete mares do mundo, só o do imperador arribou ao embarcadouro de Arendal no mar do Norte e logo fez rumo ao sul, naufragando junto às costas de Heisingor e Helsingbord sem que Johannes tenha voltado ao lar, vivendo pobremente com a filha” (Cavaleiro Andante, p.136).

“o resto foi para fora, os raros rapazes novos andam na tropa, três e quatro anos de enfiada obrigados a assassinar em África, implorosos de que a sorte os não faça regressar dentro de caixão de chumbo, mandam de lá promessas, a sacristia da ermida está cheia dos seus retratos de soldados e presentes quando retornam inteiros, um crocodilo embalsamado, uma jibóia que dá duas voltas à sala, muitos devotos ex-votos que cada dia Moisés olha ao ir à missa, reza pelos que lutam de ambos os lados, coitados dos negros que não querem senão a terra deles, Moisés inventa orações por todos, e mais que houvesse!” (Cortes, pp.73-74),

“nem fui feito paramanobrar armas apontadas contra homens, fossem eles pas-compris ou camones, fossem ateus ou crentes, inda te lembras? Eu cá não percebia o que diziam, patavina, deixá-lo, eram bichos iguais a mim”. (Cortes, pp. 114-115)

“E contudo fascina-me o show da máquina social posta a andar ou desandar após meio século de sono profundo (o sono completo dura há quatro séculos e desconfio que prossegue).” (Lusitânia, p.141),

“Está farta de foçar, quer ser dona de si, senhora do seu destino na medida do possível, sonhar com o dia em que essas palavras antigas, senhora dona patroa, já tenham sido esquecidas.” (A Paixão, p.86).

“Os meus velhotes desistiram depois de o pai ter escapado por milagre a uma execução sumária, ontem, nem por acaso dia dantes chamado da Raça, e agora de Camões, de Portugal e das Comunidades.” (Cavaleiro Andante, p.58),

“Quando digo Benguela, uso um dos poucos topónimos que vai ficar intacto, a maioria tinha sido rebaptizada pelos portugueses e irá voltar ao nome nativo: Carmona a Uíge, Salazar a Dala Tando, Henrique de Carvalho a Saurimo, Silva Porto a Bié, Sá da Bandeira a Lubango, Olivença-a-Nova a Capenga Cabilongo, Nova Lisboa a Huambo e assim por diante.” (Cavaleiro Andante, p.217).

“As ruas foram invadidas de pornolivros abertos nos passeios, nas bancas dos jornaleiros, à vista de quem não quer ver. Pululam vendedores de cassetes piratas, discos usados, produtos baratos que a revolução põe, expõe e dispõe ao alcance de todos, ao ar livre, nos corredores do metropolitano os mendigos aumentaram, se calhar apenas andam à vontade enquanto dantes eram abafados. Até alcatifas são vendidas por ciganos na Baixa, onde outrora circulavam damas de chofer privado, agora desaparecidos, os carros guardados, ou melhor, escondidos. Espectáculo divertido, apocalíptico, típico resultado da banha da cobra que aqui passa por ser obra de salvação nacional. Governos ditos de salvação nacional instauraram o salve-se-quem-puder, não nos salvam nem nos valem, tratam deles e dos seus. Que esperar?” (Lusitânia, p.197)

“Fora de casa piora o espectáculo, assiste-se ao teatro duma rechulíssima súcia de bandalhos, pulhas, biltres, parasitas, chatos em todos os sentidos, politicagem barata que custa um olho, caterva convencida de si, actores de má qualidades se ao menos nos

divertissem, mas nem isso, as suas artísticas poses falsas só convencem os pobres de espírito, os masoquistas, os que querem por força ser convencidos e valem tanto quanto os ídolos, cambada que oculta o focinho para viver da confusão de narizes, da cumplicidade mais mesquinha, do cambalacho fácil, da camaleónica barafunda onde ninguém sabe a cor das linhas com que cada um se cose, onde se mistura a burra do vizinho com a bunda da vizinha, onde se muda de partido como quem muda de camisa, onde os artigos de fundo dependem da digestão da amante do motorista da secretária do chefe de gabinete do primeiro-ministro, bera bagunça, mera conjura de compadres que se catapultam entre si, com bênção do sindicato das putas e dos polícias. (Lusitânia, pp.139-140);

A árvore ainda, para terminar; ergue-se no quintal da casa, como um templo, como um prédio de cimento armado; cresce; os ramos desenvolvem-se para cima, para os lados; depois de grandes, o peso tomba-os um pouco, lentamente, as folhas brilham para baixo; floresce; nascem as folhas brilhantes e sedosas, frágeis, puras, informes, como um raio de prata; criam nervuras que endurecem, tornam-se rudes e pesadas; dão frutos, sementes, sumos, cores, sabores, cheiros, saciedade; as flores sonham, adormecem, ficam velhas e instáveis; tombam; e movem-se; e morrem; caem as folhas; fica a árvore; permanece; anos e anos e estações e séculos; dá mais folhas, flores e frutos, sementes, fecundidade; repete-se; e no tronco aparecem fundas rugas, em que se ocultam os deuses, feiticeiros, visionários, profetas e a eternidade; tira-se a seiva; resina; tira-se o casco, a saudade; fica a árvore; cortam flores; enfeitam jarras, usam-nas com velha arte; colhem-se os frutos e, enfim, apodrece a velha árvore; o tronco fende; as folhas caem; ficam os ramos no ar; cortam-se os ramos despídos, o vento arranca as raízes e é então que tomba a árvore.” (A Paixão, p.177)

Bibliografia :

FARIA, Almeida (1965), *A Paixão*. Lisboa, Portugália Editora.

FARIA, Almeida (1986), *Cortes*. Lisboa, Editorial Caminho, (1ª ed. 1978).

FARIA, Almeida (1987), *Lusitânia*. Lisboa, Editorial Caminho, (1ª ed. 1980).

FARIA, Almeida (1987), *Cavaleiro Andante*. Lisboa, Editorial Caminho,(1ª ed. 1983).